

Dialogismo bakhtiniano e a estilística vossleriana / *Bakhtin's Dialogism and Vossler's Stylistics*

*Miriam Bauab Puzzo**

RESUMO

O objetivo deste artigo é discutir as relações possíveis entre duas vertentes teóricas do início do século XX: o dialogismo bakhtiniano e a estilística de Vossler. Embora na demonstração de sua prática pedagógica em sala de aula Bakhtin não mencione essa teoria de base, ela ali está presente com algumas variantes que resultam do diálogo tenso com ela estabelecido. Este trabalho objetiva analisar a teoria de Vossler, com o intuito de observar como Bakhtin dialoga com os conceitos vosslerianos no que diz respeito à concepção de língua, gramática e estilo e em que medida se apropria de alguns conceitos em suas anotações de aula.

PALAVRAS-CHAVE: Dialogismo; Gramática; Estilo; Bakhtin; Vossler

ABSTRACT

The purpose of this article is to discuss the possible relationships between two theoretical trends of the early 20th century: Bakhtin's dialogism and Vossler's stylistics. Despite not mentioning Vossler's theory in his grammar teaching notes, Bakhtin does include it in his classroom practice with some variations, which is a result of the dialogue between the two. Thus, this article aims to analyze Vossler's theory so as to observe how Bakhtin interacts with Vossler's concepts of grammar and style and to consider the extent to which some of these concepts are used in his classroom notes.

KEYWORDS: *Dialogism; Grammar; Stylistics; Bakhtin; Vossler*

* Universidade de Taubaté – UNITAU, Taubaté, São Paulo, Brasil; puzzo@uol.com.br

Introdução

O início do século XX caracteriza-se por uma transformação acentuada no campo do conhecimento em função das teorias científicas advindas do final do século XIX, como ocorre com a teoria linguística de Ferdinand de Saussure (1857-1913). Seu *Cours de Linguistique Générale* (1916), publicado por seus ex-alunos Charles Bally e Albert Sechehaye, com a colaboração de A. Riedlinger, representa um desses esforços de aplicação da teoria científica na observação da língua, destacando suas peculiaridades objetivas.

Em oposição a esse cenário, cujos desdobramentos motivaram o distanciamento do ser humano em benefício da investigação dos objetos, com formulação de leis pontuais, muitos intelectuais do campo da filosofia e da linguagem iniciaram um debate produtivo com o intuito de resgatar a vida congelada pelo experimentalismo científico.

É nesse contexto que Bakhtin e o Círculo iniciam um diálogo com essas teorias, procurando analisar a linguagem no campo da comunicação e da interação entre os seres humanos.

Desse debate epistemológico de que participam intelectuais de vários campos do conhecimento surge uma teoria gestada ao longo do tempo, com o intuito de resgatar o processo comunicativo, próprio da natureza viva do homem. Dentre as várias teorias com as quais Bakhtin e o Círculo dialogam, destacam-se a Linguística e a Estilística alemã. De um lado a Linguística, resultante da abstração científica e de outro, num procedimento inverso, a Estilística, resultante de uma investigação da linguagem como expressão da criatividade subjetiva, portanto em contraposição à concepção de língua numa perspectiva científica.

Para entender a importância desse debate, é preciso situá-lo no contexto social conturbado da revolução bolchevique, do início do século XX, na Rússia. O posicionamento crítico desse grupo de intelectuais de que participam Bakhtin, Volochínov e Medviédev, entre outros, contrapõe-se à forma autoritária assumida pela revolução de 1917, cujo procedimento é indiretamente questionado. A língua unificada pelo sistema foi uma das questões discutidas por esse grupo, conhecido como Círculo. Assim a linguagem, em oposição à língua, torna-se o tema central desse debate com o intuito de escapar da camisa de força de uma língua imposta a todos os grupos sociais,

bastante heterogêneos naquele contexto. Como relatam Clark e Holquist (2004, p.49), Bakhtin, nascido em Orel ao sul de Moscou, conviveu na infância em Vilno (Lituânia, para onde a família se mudou) com várias etnias e culturas, tais como o judaísmo, o catolicismo ortodoxo, entre outras, o que lhe permitiu observar as diferenças culturais e linguísticas. Talvez essa seja uma das questões que o levam a discutir a imposição de uma língua única a todos os grupos sociais.

Assim, Bakhtin e os integrantes do Círculo discutem os limites que as teorias científicas da época impunham para a vida vivida, de modo a esquematizar os dados, analisando os atos humanos por uma perspectiva científica e abstrata, entre elas a linguística de Saussure, a psicologia determinista, o marxismo estrutural e mesmo o reducionismo da estilística por isolar o sujeito enunciador de todo o contexto social.

Entretanto, é preciso situar esse debate em seu contexto histórico, Volochínov, Bakhtin e os outros membros do Círculo, vivenciaram a repressão imposta pelo regime instituído na Rússia, sofrendo perseguição, prisão e penalidades retaliadoras por apresentarem-se como intelectuais questionadores, discutindo temas que não estavam afinados com os ideais da revolução. Como pontuam seus biógrafos e os historiadores desse momento, Bakhtin foi condenado à prisão e ao exílio no Casaquistão (CLARK; HOLQUIST, 2004); (SÉRIOT, 2015).

Além desse cerceamento da liberdade de expressão, a Rússia revolucionária tinha como proposta instituir uma língua padronizada, ignorando as variantes sociais e culturais de grupos de etnias diferentes. Tendo em vista esse contexto, os debates instaurados por esses intelectuais propunha discussão de temas instigantes, nem sempre condizentes com a visão do sistema revolucionário instituído. Sériot (2015) relata que, em Nevel, esse grupo se reunia em torno de Matvei Kagan (1889-1937), recém chegado da Alemanha, de onde trouxera os conceitos de Kant e dos Neokantianos, divulgados por Herman Cohen (1842-1918). Kagan era professor nas escolas judaicas de Nevel e tinha como lema filosófico “O mundo não é um simples dado, mas um dado a elaborar”.

Esse princípio filosófico parece que norteia a discussão a respeito de língua/linguagem que se torna objeto de investigação e de discussão na busca de uma teoria da linguagem menos redutora, cujo resultado ainda mobiliza as pesquisas atuais. Sob esse aspecto, uma análise abstrata da língua poderia conduzir ao distanciamento do ser humano, tanto de pesquisadores quanto de enunciadores, afastando-os dos problemas

sociais imediatos. Essa é uma questão importante se pensarmos no contexto revolucionário vivenciado na Rússia e no cerceamento da liberdade individual de expressão. Não é aleatório o fato de a teoria saussuriana predominar na Rússia nessa época em detrimento da Estilística de Vossler, como pontuam Bakhtin/Volochínov (2006).

Muitos teóricos têm se debruçado sobre o diálogo instaurado por esse grupo de pesquisadores com as diversas teorias vigentes naquele momento, procurando encontrar outras relações menos explícitas nesses debates. Uma pesquisa bastante elucidativa desse diálogo encontra-se no ensaio de Craig Brandist “Mikhail Bakhtin e os primórdios da sociolinguística soviética” (2006). Nesse texto, Brandist demonstra a aproximação da concepção dialógica da linguagem com as reflexões de Jakubinski¹ e Zhirmunski, pesquisadores russos que refletiam sobre a linguagem e os dialetos sociais.

Bakhtin e o Círculo, portanto, retomam uma discussão já iniciada por outros intelectuais no contexto russo e expandem esse conceito abrindo novas frentes de investigação, conceituando categorias de análise de enunciados no âmbito da comunicação em geral. Nesse debate, vinculam a linguagem ao contexto social, demonstrando como qualquer manifestação linguística decorre de um processo que reflete o passado e o refrata no presente, em função das transformações e do progresso social. Tal perspectiva está presente na proposta de ensino da gramática. De um lado, a gramática apresentada como norma inquestionável, com predomínio da memorização de regras, isentando o aprendiz de seu compromisso com os valores constitutivos de seu enunciado. De certo modo, tal forma de expressão contribui para a isenção responsável do sujeito enunciativo. De outro lado, a gramática usada como recurso expressivo, permitindo a manifestação de valores dos indivíduos situados socialmente, respondendo ao contexto imediato. Tal modo de tratar a expressão linguística possibilita o diálogo social entre os diferentes grupos e culturas. É o que parece orientar a discussão de Bakhtin e do Círculo sobre a concepção língua/linguagem.

Pelas reflexões iniciais de Bakhtin demonstradas em *Por uma filosofia do ato responsável*, escrito no período de 1920-24, é possível perceber o grau de preocupação

¹ O texto de Jakubinski *Sobre a fala dialogal* foi traduzido da edição francesa por Dóris de Arruda C. da Cunha e Suzana Leite Cortez, publicado pela Parábola em 2015.

com a responsabilidade do homem como ser social, cujas ações se traduzem pela linguagem.

Todas as críticas feitas por Bakhtin e pelo Círculo às teorias daquele momento tinham por objetivo despertar o sentido ético e responsável do sujeito em sociedade. Sob esse aspecto, a teoria de Vossler, apesar dos limites apontados por Volochínov e Bakhtin, parece mais próxima que as científicas. Vossler era um pesquisador da evolução histórica das línguas, estabelecia relações com o contexto, embora de modo muito generalizado, procurando encontrar, na expressividade da linguagem, estilos de época, evolução das línguas ou estilo de um autor. De qualquer forma, a estilística estaria mais próxima do ser humano que a teoria linguística de Saussure.

Sendo assim, apesar das críticas ao método adotado por Vossler, (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006), Bakhtin e o Círculo anteviam a preocupação com algo vivo, com o homem, ainda que circunscrito a sua subjetividade idealizada e distante do contexto imediato.

Desse modo, a prioridade à estilística decorre do emprego individualizado de formas gramaticais como recurso expressivo, não mais a partir de uma natureza psicológica e distante do contexto, mas de um sujeito situado socialmente. Este é o ponto nodal a partir do qual Bakhtin e o Círculo passam a observar a língua em práticas efetivas de comunicação, deslocando o ponto de observação da língua, em si mesma, para o de linguagem como processo interativo. Nas discussões encetadas por esse grupo de intelectuais, destaca-se o movimento de tensão entre as forças centrípetas e centrífugas que norteiam as atividades didáticas do professor Bakhtin, descritas em seu ensaio traduzido para o português sob o título *Questões de estilística no ensino de gramática* (2013)².

O diálogo com as diversas vertentes teóricas que Bakhtin e o Círculo estabelecem é motivo de muitos trabalhos de pesquisa como as de Craig Brandist (2012), Ana Zandwais (2009), Serguei Tchougouonnikov (2012), Carlos Alberto Faraco (2006)³; (2009),

² Após a publicação no Brasil das anotações de aula de Bakhtin, *Questões de estilística no ensino de língua* (2013), traduzidas por Sheila Grillo e Ekaterina V. Américo, muitas questões teóricas podem ser mais bem discutidas, desde o diálogo que Bakhtin mantém com o Círculo até o diálogo com outras vertentes teóricas, como a Estilística.

³ Carlos Alberto Faraco (2006) trata das relações teóricas sobre a linguagem que Volochínov mantém com a teoria de Humboldt, considerando linguagem como atividade, mas dando-lhe o caráter essencialmente social. Segundo Faraco, “Volochínov, como os Humboldtianos, em geral, tem dificuldades para situar em seu quadro teórico a questão especificamente gramatical”, o que, segundo ele, Bakhtin parece resolver ao

todas elas procuram iluminar aspectos relevantes desse diálogo. Mas escapando dessa discussão, o objetivo aqui é observar como a estilística desempenha um papel importante no trabalho do professor Bakhtin no ensino de gramática e como procura adaptá-la à sua perspectiva dialógica da linguagem. Assim, num primeiro momento, resgata-se a teoria de Vossler e, num segundo momento, procura-se estabelecer as possíveis relações de proximidade com o Círculo e com o ensino de gramática como experiência em sala de aula relatada por Bakhtin.

1 Conceção de linguagem na perspectiva de Vossler

O estilo é uma das formas de abordagem das obras literárias que sempre foi objeto de preocupação dos críticos. No período clássico, como as obras obedeciam a modelos estilísticos pré-determinados, tal preocupação dizia respeito apenas à fidelidade que o autor mantinha em relação a eles. Entretanto, a partir do Romantismo, quando o artista rompeu com os paradigmas instituídos pelo Classicismo, a criatividade e a originalidade individual passaram a ser valorizadas, servindo de medida para o julgamento estético das artes. Essa valorização da originalidade permaneceu, embora as ciências passassem a pautar novas formas de avaliação artística, mais objetivas e mais comprometidas com a crítica social, no caso do Realismo e do Naturalismo.

O Positivismo e o Determinismo, que inspiraram esse tipo de literatura, também serviram para nortear as pesquisas no final do século XIX na área de Humanas. Nesse contexto é que Saussure se destaca. Seu principal objetivo era o de tornar a teoria linguística mais impessoal, fundamentada em dados concretos, opondo-se aos estudos filológicos e históricos que predominavam nas pesquisas relativas à literatura e à língua. Dessa proposta surge uma ciência linguística descritiva com o intuito de compreender o processo estrutural de sua natureza. As pesquisas de Saussure e a descrição dos fenômenos linguísticos representam uma dessas tentativas de enquadrar a linguística no campo das pesquisas científicas, opondo-se, então, aos estudos filológicos e comparatistas do século XIX.

fazer a distinção entre sentença e enunciado. (cf. FARACO, C. A. Voloshinov: um coração humboldtiano?. In: FARACO, C. A.; TEZZA, C.; CASTRO, G.(Orgs) *Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin*, Petrópolis: Vozes, 2006, p.130)

Nesse período, passam a conviver teorias em conflito: de um lado a proposta teórica científica e abstrata da língua, de outro a visão filológica e comparatista, buscando entender a evolução da língua e da literatura. Nesse sentido, língua e literatura sempre caminharam juntas. Portanto, de um lado a visão científica, descritiva e abstrata, e de outro a visão individualista que continuava a valorizar o indivíduo como fonte original de sua obra, numa perspectiva muito próxima do Romantismo.

É dessa última vertente que surge a Estilística no início do século XX, com os alemães. Karl Vossler (1872-1949), um pesquisador dessa linha, dedica-se aos estudos linguísticos dentro de uma perspectiva espiritualista, opondo-se ao determinismo e ao positivismo dominantes. Segundo ele, e em sintonia com a crítica de Bakhtin e do Círculo, a investigação linguística saussureana de caráter mais científico, distanciou-se da linguagem como atividade comunicativa.

Esse é o ponto crucial que motiva as investigações, tanto de pesquisadores alemães, entre eles Vossler, quanto dos russos como Bakhtin e o Círculo, no início do século XX. Assim como os teóricos russos, para desenvolver sua concepção de linguagem e de estilo, Vossler retoma os trabalhos recentes do grupo de Genebra, principalmente de Bally, discípulo de Saussure, para a eles contrapor sua visão teórica. Sem menosprezar tais perspectivas, vai apresentando os conceitos e fazendo seus comentários tanto positivos quanto negativos, por meio dos quais torna possível apresentar sua concepção teórica a respeito do tema.

Para Vossler (1968), a língua é expressão do espírito e por isso apresenta uma natureza que é geral e específica ao mesmo tempo. É geral porque é partilhada pela comunidade de falantes e específica pela prática individual e subjetiva de cada membro dessa comunidade. Por isso ela não pode ser vista sob um prisma meramente descritivo, como propunha Bally, para quem a língua é de natureza funcional e por isso pode ser descrita por suas funções. Como aponta Vossler, essa perspectiva funcionalista descarta todo o percurso histórico da evolução linguística, cuja linguagem deveria ser estudada como função do espírito humano e da sociedade. Nesse sentido, a linguagem como função seria algo abstrato, esvaziado de sua natureza social. De forma crítica, Vossler pontua que, na concepção de Bally, o linguista, se quisesse entender uma língua como função do espírito, biologicamente, deveria esquecer as relações que prendem essa língua ao seu passado, ignorando todas as referências culturais de sua produção, como a literatura e

tudo o que a torna uma manifestação vital do passado. Essa peculiaridade descritiva, segundo Vossler, já seria a tarefa desempenhada pelos gramáticos, como expressa em suas reflexões, quando afirma que uma ciência preocupada apenas com palavras, distanciadas de suas referências culturais, seria uma tarefa inútil, indiferente e sem sentido (1968).

Mesmo a visão sociológica proposta por Bally é limitada, porque, segundo Vossler (1968), na sua visão positivista, a sociologia também é uma ciência de leis precisas que prescindem da história. Sob esse aspecto, para estudar a língua seria preciso ignorar todo o seu passado e todo valor cultural da linguagem.

Vossler (1968) ainda ressalta que, em seu *Traité de stylistique française* (1909), Bally chega a reconhecer o aspecto vital da língua como expressão subjetiva. Contudo, como discípulo de Saussure, logo descarta essa possibilidade por considerar a individualidade criadora um entrave para o tratamento científico da língua como objeto de investigação. Nessa perspectiva, a idiossincrasia do estilo seria um impedimento para as generalizações necessárias de caráter objetivo, próprio da ciência cujas leis devem primar pela descrição e objetividade.

Contrapondo-se à generalização de natureza abstrata dessa tendência, Vossler considera que a palavra está ligada ao passado, não sendo possível ignorar essa realidade, observando apenas a sua realização presente de modo descritivo.

Percebe-se nos comentários de Vossler muitos pontos de contato com a crítica que Bakhtin e os membros do Círculo estabelecem com a teoria linguística do final do século XIX e início do XX.

2 Gramática e estilo

Na perspectiva vossleriana, assim como na de Bakhtin e do Círculo, a língua como sistema é algo abstrato, tacitamente constituída pelos membros de uma comunidade linguística. Esse é o princípio fundamental de aproximação dessas duas vertentes teóricas. Entretanto, tal aproximação encontra seu limite na questão da espiritualidade, ponto-chave para a linguística vossleriana. Segundo seus adeptos, quando algo é espiritualmente elaborado e cumprido, pode-se encontrar a linguagem humana, precedendo e preparando essa concretização, ponderando-a, censurando-a. Segundo Vossler, a consideração de

uma ação espiritual em si elimina qualquer possibilidade de associação com a palavra que a expressa, separando-se radicalmente dela, mas, por outro lado, quando se reduz a palavra a ela mesma, elimina-se todo o processo de sua concepção espiritual. Por isso, segundo ele, o pensador, o investigador, o professor, até mesmo o orador e o poeta que só elaborem palavras não são verdadeiros pensadores, investigadores nem poetas (VOSSLER, 1968, p.89).

Segundo esse linguista, se as palavras são tomadas por si mesmas não expressam nenhuma atividade espiritual, pois toda ação mais importante as ultrapassa. Se elas fazem referência a algo de maior significação, é por conta de sua referência a algo que as distancia delas mesmas. Sob esse aspecto, critica a visão mecanicista de língua e de uso de formas gramaticais aplicadas indistintamente a qualquer enunciação.

Para Vossler, o objeto essencial da gramática é o de uma língua desligada de toda atividade e de toda vida espiritual. É o que deixa evidente no ensaio “O método formal”:

[...] E como para uma abstração estrita não pode haver um acontecer e um fazer espirituais, só resta um acontecer natural e um fazer desespiritualizado, automático, mecânico. E efetivamente, toda a vida idiomática tal como a entende o método gramatical, se reduz a esses processos, a mecanismos da Physis e da Psyque (VOSSLER, 1968, p.91; tradução minha)⁴.

Quanto mais a linguística se preocupa com a orientação gramatical, tanto mais se distancia das manifestações culturais e de todas as formas individuais que se manifestam no idioma em foco. Como se pode observar, há um aspecto de convergência com a crítica estabelecida pelo Círculo, do ponto de vista do distanciamento da pesquisa linguística e gramatical da língua em sua vitalidade dinâmica. Entretanto os limites dessa aproximação são demarcados por outros questionamentos.

⁴ [...] Y como para una abstracción estricta no puede haber un suceder y un obrar espirituales, sólo queda un suceder natural y un hacer desespiritualizado, automático, mecánico. Y efectivamente, a estos procesos, a mecanismos de la Physis y a mecanismos de la Psyque se reduce toda la vida idiomática tal como la entiende el método gramatical (VOSSLER, 1968, p.91).

3 Vossler e o Círculo

Nos primeiros textos de Bakhtin e do Círculo, as reflexões sobre a diferença entre língua e linguagem são bastante enfatizadas com o intuito de demarcar um espaço teórico diferenciado. Tanto em *Marxismo e filosofia da linguagem* ([1929] 2006) quanto na *Estética da criação verbal* (2003), especialmente em dois ensaios: Os gêneros do discurso (1951-1953) e O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas (1959-1961), existe a preocupação em estabelecer diferenças entre língua e linguagem viva, e entre as teorias pautadas pela observação circunscrita apenas ao texto em sua materialidade concreta.

Dentre as diversas correntes teóricas vigentes no final do século XIX e início do XX, com as quais esse grupo de pensadores dialoga, estão, como já dissemos, a linguística e a estilística.

Em *Marxismo e filosofia da linguagem* (2006), o diálogo tenso com essas teorias põe em evidência o solo a partir do qual a teoria dialógica vai sendo gestada. Os pontos mais significativos e de destaque para estabelecer a concepção teórica do Círculo são discutidos por contraste. Um dos aspectos contrastivos mais importantes é a questão dos atos de fala descartada por Saussure em sua tentativa de observar a língua como objeto de investigação científica. A peculiaridade da linguagem individual como meio de expressão é valorizada pela estilística e é retomada pelo Círculo, não de forma exclusiva como atos isolados em sua idiosincrasia, como propõe Vossler, mas pela atividade comunicativa que põe em relação o sujeito enunciador e o contexto social ao qual responde. A estilística valoriza esse ato, mas o vê como algo separado do contexto de produção imediato, algo individualmente produzido, ainda que esteja vinculado à cultura e à evolução histórica. Nesse sentido, apesar das diferenças no tratamento teórico adotado pelas duas vertentes, a expressividade é um aspecto relevante de aproximação entre ambas, mas entendida de modo diferenciado pelo Círculo.

O fato de a perspectiva teórica vossleriana opor-se à visão de língua como sistema abstrato, distante da pulsão vital humana, também é um fator positivo de aproximação maior com essa vertente ainda que com muitas restrições. Como Bakhtin/Volochínov afirmam:

O que caracteriza primordialmente a escola de Vossler, é “a *negação categórica e de princípio do positivismo linguístico*, que não consegue ver mais além das formas linguísticas (em particular as fonéticas, as que são positivas) e do ato psicofisiológico que as engendra”. Donde o aparecimento em primeiro plano do *componente ideológico significante da língua*. O motor principal da criação é o “gosto linguístico”, variedade particular do gosto artístico. O gosto linguístico é justamente esta verdade linguística absoluta que dá vida à língua e que o linguista se esforça por descobrir em cada fato de língua, a fim de dar-lhe uma explicação adequada (2006, p.77).

Sob esse aspecto, Bakhtin/Volochínov destacam o princípio estético, essencial na concepção do enunciado artístico, que orienta Vossler. Também é um princípio bastante discutido tanto por Bakhtin quanto pelo Círculo, embora não reduzam a análise dos enunciados apenas a esse aspecto. O importante é observar que para extrair categorias teóricas a respeito da linguagem e de sua manifestação ativa, a literatura é o objeto privilegiado de investigação desse grupo de pensadores. A língua que se manifesta numa produção artística apresenta ressonâncias da língua cotidiana como meio de expressão do homem no contexto social. Como menciona Volochínov, a estilística de Vossler procura articular a ciência da língua e a ciência da literatura com o intuito de responder a um momento de confusão entre linguística e poética numa perspectiva marxista (2015, p.213-214).

Retomando a concepção de que a língua é uma forma de expressão espiritual, Vossler propõe articular a história do desenvolvimento linguístico à história da arte, tendo em vista que a arte seria então a manifestação linguística e espiritual do artista. Sob esse aspecto, estudar as formas linguísticas das obras literárias poderia conduzir ao estilo de época, de modo mais abrangente. Como comparatista, Vossler procura no estilo individual do autor encontrar os recursos comuns explorados na linguagem. Em suas pesquisas demonstra como a língua é individualmente explorada pelo artista e quais são os traços comuns que apresentam.

Para Bakhtin e para o Círculo, a literatura também é um campo fértil de investigação da linguagem de onde conseguem extrair categorias de análise numa perspectiva concreta. Nesse sentido, a gramática é entendida como o material de concretização de enunciados, mas não um conjunto de normas absolutas. Ao contrário, cada enunciado, por ser irrepitível em função do contexto de produção, da proposta comunicativa do autor e do leitor presumido ao qual responde, ainda que apresente os

mesmos recursos, terá o significado valorativo sempre outro. Portanto, deslocam o eixo de observação da estilística centrada no sujeito para uma estilística constituída pelo princípio dialógico, num movimento inverso ao de Vossler. Cada enunciado é analisado em função de inúmeras variáveis e a língua que o materializa também é vista de modo bastante peculiar: como resposta a um momento específico em relação a todo o contexto social de produção. Sendo assim, o enunciado caracteriza-se pelo posicionamento valorativo do enunciador e não mais como expressão de sua espiritualidade abstrata, como entendia Vossler.

Sob esse ponto de vista, os conceitos de estética e de ética que norteiam a investigação de Bakhtin e do Círculo distanciam-se das outras vertentes contra as quais se manifestam, inclusive a estilística.

A língua que materializa o enunciado, artístico ou não, é maleável, adapta-se às necessidades expressivas do enunciador em relação ao seu contexto sócio-histórico, não mais como expressão da espiritualidade, mas de posicionamento concreto em relação ao outro socialmente internalizado. Assim se expressa Volochínov para estabelecer essa distinção entre a língua entendida numa perspectiva científica e a prática social:

Antes de tudo, devemos recordar que a língua não é algo imóvel, dada de uma vez para sempre e rigidamente fixada em 'regras' e 'exceções' gramaticais. A língua não é de modo algum um produto morto, petrificado, da vida social: ela se move continuamente e seu desenvolvimento segue aquele da vida social (2013, p.157).

O ponto de vista adotado nesse recorte demonstra o modo de observar a língua como prática social, opondo-se tanto à rigidez das normas instituídas pela gramática, quanto à abstração da teoria linguística, distanciadas da vivacidade expressiva da língua em sua realidade prática. Assim, a camisa de força imposta pelas regras é quebrada pela situação de comunicação, pelos parceiros e pela situação imediata, portanto pelas relações dialógicas. Por isso Bakhtin questiona a forma de ensino mecanicista, que impede ao enunciador fazer as escolhas que a própria língua possibilita para tornar o enunciado um ato condizente com o contexto e com a proposta de comunicação do autor. Portanto, em consonância com Brait (2014), observamos que é o princípio dialógico norteador dessa teoria que a distancia da Estilística alemã

Como Bakhtin observa em suas aulas - e que é motivador de sua forma de ensinar a língua e a gramática, todos os alunos apresentavam um mesmo modo de estruturação sintática em seus enunciados, significando o desconhecimento real das alternativas possíveis mais adequadas à proposta de comunicação de cada um, como expressão de posicionamentos valorativos diante do momento imediato de produção. O domínio dessa riqueza linguística é que tornaria os enunciadores verdadeiros autores.

Sob esse ponto de vista, as questões da estética e da autoria são cruciais para Bakhtin e o Círculo. Mas a visão estética, para eles, não se limita à concepção do belo nos textos literários, como se pode observar em vários ensaios, entre eles *Para uma filosofia do ato responsável* ([1919]2010). Para Bakhtin, o enunciado é um evento que decorre de uma proposta de comunicação do enunciador, e esse evento, tanto na arte como na vida, marca um posicionamento responsável do homem pelo seu dizer em relação ao contexto social e aos seus semelhantes. Ele afirma:

O conhecimento teórico de um objeto como existente por si mesmo, independentemente de sua posição real em um mundo singular, a partir do lugar singular de quem dele participa, é plenamente justificado; todavia não é o conhecimento último, mas apenas um momento técnico auxiliar dele. O meu produzir abstração do meu lugar único, esta minha *suposta* desencarnação é por si mesma um ato responsável, realizado do meu lugar único [...] (BAKHTIN, 2010, p.107).

Embora Bakhtin use como referência obras literárias para demonstração da teoria e da responsabilidade do autor com sua obra, essa visão do homem comprometido com sua expressão enunciativa é mais abrangente, como se pode observar nos comentários sobre os gêneros discursivos. Ao mencionar o caráter valorativo de toda forma de expressão pelo tom que predomina em qualquer enunciado genérico, Bakhtin deixa entrever o grau de responsabilidade que o enunciador assume com o seu dizer. E é essa peculiaridade que deixa entrever nas suas atividades práticas em sala de aula, demonstrando como a inversão da ordem, o emprego ou não de elementos coesivos e a escolha desses termos altera o efeito de sentido proposto pelo autor em função de sua proposta comunicativa, do leitor ou do ouvinte presumido bem como do contexto social.

Sob esse aspecto, a materialidade linguística que constitui o estilo torna-se fundamental, daí a aproximação maior com a estilística vossleriana, apesar das limitações que se vão delineando ao longo do percurso de ensino de gramática na prática de sala de

aula de Bakhtin professor. No comentário abaixo, evidencia-se o crédito maior à estilística, bem como seus limites:

O subjetivismo individualista tem razão em sustentar que as enunciações isoladas constituem a substância real da língua e que a elas está reservada a função criativa da língua. Mas está errado quando ignora e é incapaz de compreender a natureza social da enunciação e quando tenta deduzir esta última do mundo interior do locutor, enquanto expressão desse mundo interior. A estrutura da enunciação e da atividade mental a exprimir são de natureza social. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p.126).

Portanto, há um deslocamento significativo em relação à visão de estilo de Vossler, enfatizando a situação e os participantes imediatos que determinam a forma e o estilo da enunciação (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p.118).

Sob esse aspecto, evidencia-se a metáfora organizadora do pensamento de Bakhtin e do Círculo, a de JUNO, a deusa do limiar, das entradas e das fronteiras, cujo olhar se volta ao mesmo tempo para o interior e para o exterior (HAYNES, 1995, p.XIV).

Desse modo, tornam-se mais claros os limites estabelecidos com a estilística que atribui ao autor a responsabilidade autônoma de sua arte, conservando uma perspectiva romântica, fundada na visão espiritualista de inspiração subjetiva. Para Bakhtin e o Círculo, o ponto nevrálgico da estilística vossleriana é a não percepção da natureza dialógica da linguagem, sendo a cultura valorizada mas não intrínseca à produção artística, pois o outro é ignorado nesse processo. Essa é uma questão que está intimamente relacionada com o conceito de signo ideológico bastante discutido em *Marxismo e filosofia da linguagem* (2006). Nessa perspectiva, a palavra como signo reflete e refrata os significados, ela não é mera repetição do sentido que circula no contexto social, mas transforma-se em sentidos outros em função das relações dialógicas que o enunciador mantém com o outro internalizado ao qual reage em função de posicionamentos valorativo e ideológico frente a esse outro. Sendo assim, não só a palavra, mas a estruturação sintática do enunciado expressa tal dualidade e uma gramática, tratada de modo mecanicista, impediria a refração pela repetição automática de modelos instituídos.

Nessa perspectiva, a gramática é um parâmetro necessário para a manutenção da compreensão da linguagem entre os seres de uma comunidade, mas é um parâmetro relativo que sofre a pressão da evolução e do progresso atuante na vida diária do ser

humano, que se confronta com a heteroglossia presente na sociedade. Nas palavras do autor:

A filosofia da linguagem, a linguística e a estilística, nascidas e em formação no leito das tendências centralizantes da vida da linguagem, ignoravam esse heterodiscurso dialogizado, que materializava as forças centrífugas da vida da língua. Por isso não lhes podia ser acessível a dialogicidade da linguagem, condicionada pela luta entre pontos de vista sociolinguísticos, e não pela luta intralinguística de vontades individuais ou por contradições lógicas (BAKHTIN, 2015, p.43).

Com essas palavras, Bakhtin pontua o distanciamento que ambas as teorias mantêm com o dialogismo do Círculo, cuja compreensão de linguagem e de discurso leva em consideração a heteroglossia característica do contexto social, não reduzida a meras diferenças de pronúncia ou de vocabulário, mas como expressão de valores constitutivos de grupos sociais.

Além dessa distinção comum entre a visão a respeito da linguagem adotada pelo Círculo e as duas teorias às quais se contrapõe, Bakhtin estabelece a diferença entre a visão gramatical e a estilística:

Pode-se dizer que a gramática e a estilística convergem e divergem em qualquer fenômeno concreto de linguagem: se o examinamos apenas no sistema da língua estamos diante de um fenômeno gramatical, mas se o examinamos no conjunto de um enunciado individual ou do gênero discursivo já se trata de um fenômeno estilístico. Porque a própria escolha de uma determinada forma gramatical pelo falante é um ato estilístico (2003, p.269).

Na *Estética da criação verbal* (2003), Bakhtin comenta as peculiaridades do estilo na composição do enunciado, estabelecendo a diferença com a estilística vossleriana, pelo fato de essa vertente desconhecer o terceiro elemento da relação. Para o Círculo, a comunicação é estabelecida por meio de uma relação triádica, ou seja, pelo contexto externo que atua sobre a enunciação.

Como para Bakhtin todo enunciado é um evento, cujo autor não pode furtar-se à responsabilidade desse ato (2010), o compromisso encetado com a sua palavra, responsiva e responsável, lança-o inexoravelmente para o contexto imediato de produção e para a cultura que perpassam pela palavra. Sendo assim, não é possível ignorar na produção enunciativa essa peculiaridade. Tendo em vista esse posicionamento teórico,

Bakhtin escolhe exemplos do contexto imediato para sensibilizar seus alunos a respeito das variações na estruturação sintática dos enunciados informativos e das alterações no significado de cada uma dessas variações em função de propostas enunciativas diferentes. O estilo, entendido sob esse prisma, escapa da concepção vossleriana do sujeito como expressão de sua individualidade reduzida a sua natureza psicológica. Como afirma Volochínov, no ensaio, *A palavra na vida e a palavra na poesia: introdução ao problema da poética sociológica* ([1926] 2013), refutando a concepção de que o estilo é o homem, “o estilo são pelo menos dois homens, ou mais exatamente, é o homem mais seu grupo social na pessoa de seu representante ativo – o ouvinte, que é o participante permanente do discurso interno e externo do homem” (2013, p.97). Portanto, o estilo está atrelado à ideologia, aos valores sociais que constituem o outro ao qual o enunciador responde. Volochínov enfatiza a relação da palavra com o contexto social iluminando indiretamente a questão do estilo: “A palavra é um evento social, não está centrada em si mesma como certa magnitude linguística abstrata, nem pode ser psicologicamente deduzida da consciência do falante subjetiva e ilhada” (2013, p.85).

Para Vossler, o autor cria a partir da norma, de modo inovador como criador apenas; para Bakhtin, o enunciador deve criar em função de sua relação com o outro, nesse caso, o leitor presumido, o contexto de produção, sua proposta enunciativa, entre outros fatores que atuam na produção de um enunciado concretamente.

Conclusão

Apesar da crítica que Bakhtin e Volochínov fazem à estilística por sua visão idealista, há pontos de convergência que merecem ser ressaltados. O aspecto mais importante é que o estilo propicia a expressão da individualidade do enunciador e de seu posicionamento valorativo diante do contexto social, o que uma expressão engessada pela reprodução de modelos não permitiria. Esse é o trabalho com o estilo em sala de aula. Bakhtin demonstra na prática como a flexibilidade nas escolhas de estruturação sintática, de pontuação, de escolhas de conjunções podem criar efeitos diferenciados de sentido. Ao mesmo tempo, demonstra como o estilo de um autor está atrelado a sua proposta comunicativa situada no tempo e no espaço, como é o caso dos poemas de Púchkin e Gógol. Desloca, portanto, a visão estética da estilística para relacionar o enunciado ao

contexto de produção, permitindo que a expressividade enunciativa se oponha à ditadura de uma língua unificada por interesses de nivelamento artificial dos seres humanos.

Nessas condições, o sujeito enunciador teria espaço para adotar um posicionamento efetivo, expressando seus valores numa atitude responsiva/responsável. Na perspectiva dialógica, portanto, a estilística estaria vinculada ao sujeito situado no tempo e no espaço, não só refletindo, mas refratando em sua expressão linguística os valores e a ideologia que o atravessam, o que não seria possível na repetição mecanicista de fórmulas niveladoras de uma língua engessada pelo uso.

Esse é o resultado do trabalho do professor Bakhtin, quando observa que, nas redações posteriores de seus alunos, eles passaram a empregar de modo mais adequado as orações subordinadas sem conjunção (foco temático de suas aulas). Pontua, desse modo, a transformação dos jovens redatores, antes simples reprodutores, e depois verdadeiros autores. Pode-se observar como, na prática, Bakhtin está afinado com a perspectiva de Volochínov (2013, p.97), segundo a qual, todo ato enunciativo coerente “não pode se manifestar sem o discurso interior, sem as palavras e sem a entonação, que são as valorações e, por conseguinte, representa já um ato social, um ato de comunicação”. Assim, ao imprimir a entonação interpretativa das estruturas sintáticas selecionadas para discussão em aula, Bakhtin procura destacar essa relação valorativa que perpassa por esses enunciados. De uma forma indireta, abre espaço para construções sintáticas menos rígidas, mais próximas da vivacidade da língua como forma de comunicação real. Como afirma Brait, interpretando a teoria bakhtinniana no que diz respeito à concepção de estilo:

Fica evidente, portanto, que a questão do estilo vai deixar de ser pensada a partir de uma produção tomada na sua individualidade, na sua autonomia, enquanto idiosincrasia de um enunciador ou enquanto produto do engendramento exclusivo de um texto auto-suficiente, para ser tratada a partir de aspectos que um pouco mais tarde o pensamento bakhtiniano vai trabalhar em detalhes, ou seja, a linguagem pensada como atividade, dentro de atividades específicas e concretas, o que vai motivar a inclusão do conceito de esfera de produção e, conseqüentemente, de circulação e recepção e, ainda, a relação entre enunciação e interação, gênero e uso, temas, forma arquitetônica e composicional (2006, p.59).

Nas atividades discutidas em sala de aula, fica evidente tal preocupação. O nivelamento impositivo de uma língua unificada impediria a movimentação livre de uma

língua viva, indomável, cuja expressividade colocaria em evidência posicionamentos valorativos, lugares sociais nem sempre afinados com um sistema centralizador e cerceador da expressão responsiva e responsável de seus enunciadores.

REFERÊNCIAS

BAJTIN M. M. *Hacia una filosofía del acto ético*. De los borradores: y otros escritos. Trad. del ruso Tatiana Bubnova Rubí (Barcelona): Anthropos; San Juan: Universidad de Puerto Rico, 1997.

BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Trad. Aurora F. Bernardini, José P. Júnior, Augusto Góes Júnior, Helena S. Nazário, Homero F. de Andrade. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1990.

_____. *Problemas da poética em Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

_____. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p.261-306.

_____. (VOLOCHÍNOV, V.). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

_____. *Para uma filosofia do ato responsável*. Trad. aos cuidados de Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

_____. *Questões de estilística no ensino da língua*. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2013.

_____. *Teoria do romance I: a estilística*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.

BRAIT, B. Estilo, dialogismo e autoria: identidade e alteridade. In: FARACO, C.; TEZZA, C.; CASTRO, G. (Orgs.). *Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin*. Petrópolis, RJ.: Vozes, 2006, p.54-66.

_____. A dimensão dialógica de estilo. In: OLIVEIRA, E.; SILVA, S. (Orgs.). *Semântica e estilística: dimensões atuais do significado e do estilo: homenagem a Nilce Sant'anna Martins*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014, p.263-279.

BRANDIST, C. *Repensando o círculo de Bakhtin: novas perspectivas na história atual*. Trad. Helenice Gouvea e Rosemary H. Schettini. São Paulo: Contexto, 2012.

CLARK, K.; HOLQUIST, M. *Mikhail Bakhtin*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2004.

FARACO, C. A. *Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

HAYNES, D. J. *Bakhtin and the visual arts*. New York: Cambridge University Press, 1995.

MEDVIÉDEV, P. N. *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*. Trad. Sheilla Grillo e Ekaterina V. Américo. São Paulo: Contexto, 2012.

SÉRIOT, P. *Vološinov e a filosofia da linguagem*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

VOLOCHÍNOV, V. N. *A construção da enunciação e outros ensaios*. Trad. João Wanderley Geraldi. São Carlos, SP: Pedro & João, 2013.

VOSSLER, K. *Formas literarias en los pueblos románicos*. Trad. do alemão por Carlos Clavería. 2. ed. Buenos Aires/México: Espasa-Calpe Argentina, S.A. 1948.

_____. *Filosofía del lenguaje*. Trad. Amado Alonso y Raimundo Lida. 5. ed. Buenos Aires: Editorial Losada S.A., 1968.

ZANDWAIS, A. O papel das leituras engajadas em *Marxismo e filosofia da Linguagem*. *Conexão Letras*, v. 4, n. 4. p.1-10, 2009. Disponível em: [<http://seer.ufrgs.br/index.php/conexaoletras/article/view/55584/33793>]. Acesso em: 06 dez. 2015.

TCHOUGONNIKOV, S. O Círculo de Bakhtin e o marxismo soviético: uma “aliança ambivalente”. Trad. Ana Zandwais. *Conexão Letras*, v. 3, n. 3, 2008. Disponível em: [<http://seer.ufrgs.br/index.php/conexaoletras/article/view/55601/33805>]. Acesso em: 06 dez. 2015.

Recebido em 18/01/2016

Aprovado em 24/10/2016